

Crise e expiação social: violência coletiva e alteridade no livro de Ester

Crisis and social atonement: collective violence and alterity in the book of Esther

Crisis y expiación social: violencia colectiva y alteridad en el libro de Ester

Vanderlei Dorneles*

RESUMO

O livro de Ester tem sido alvo de fortes críticas por parte de comentaristas protestantes principalmente por causa de questões éticas e étnicas ao mesmo tempo que mantém ampla popularidade entre estudiosos da narrativa e pesquisadores judeus. A narrativa, de gênero novelístico, contextualiza-se no antigo reino da Pérsia, no 5º século, e é marcada por conflitos sociais e religiosos nos quais se destacam duas rainhas e dois oficiais reais. A obra é analisada aqui sob o pano de fundo da teoria do bode expiatório, que segundo Girard mostra como situações de conflito levam as sociedades a tentar superar o aparente caos pela eliminação de supostos culpados cuja morte possa restaurar a ordem social. O objetivo deste estudo é mostrar como a narrativa de Ester alerta acerca de injustiças sociais que podem perpetuar nas sociedades modernas com características muito semelhantes daquelas das sociedades antigas. **Palavras-chave:** Ester; crise social; bode expiatório; caos.

ABSTRACT

The book of Ester has been the subject of strong criticism mainly by the part of Protestant commentators because of ethical and ethnic issues, while it maintains a wide popularity among narrative scholars and Jewish researchers. The narrative of novelistic genre contextualized in the ancient kingdom of Persia in the 5th century is marked by social and religious conflicts in which stand out two queens and two real officials. This book is analyzed here from the scapegoat theory that according to Girard shows how situations of conflict lead societies to try to overcome the apparent chaos by eliminating the alleged culprits whose death can restore the social order. The purpose of this study is to show how Ester's narrative warns about social injustices that can perpetuate in modern societies with characteristics very similar to those of ancient societies.

Keywords: Esther; social crisis; scapegoat; chaos.

RESUMEN

El libro de Ester ha sido objeto de fuertes críticas por parte de comentaristas protestantes principalmente a causa de cuestiones éticas y étnicas a la vez que mantiene una amplia popularidad entre estudiosos de la narrativa e investigadores judíos. La narrativa, de género novelístico, se contextualiza en el antiguo reino de Persia, en el quinto siglo, y está marcada por conflictos sociales y religiosos en los que se destacan dos reinas y dos oficiales reales. La obra es analizada aquí bajo el telón de fondo de la teoría del chivo expiatorio, que según Girard muestra cómo situaciones de conflicto llevan a las sociedades a intentar superar el aparente caos por la eliminación de supuestos culpables cuya muerte pueda restaurar el

* Doutor em Ciências pela Escola de Comunicação e Artes (USP) e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: vanderlei.dorneles@ucb.org.br

orden social. El objetivo de este estudio es mostrar cómo la narrativa de Ester alerta acerca de injusticias sociales que pueden perpetuar en las sociedades modernas con características muy semejantes de aquellas de las sociedades antiguas.

Palabras clave: Ester; crisis social; chivo expiatório; caos.

Introdução

Há pessoas e coisas impossíveis de se conhecer sem amá-las ou odiá-las. O livro de Ester parece ser uma delas. É um dos dois livros bíblicos com nomes femininos (o segundo, é Rute), e um dos poucos não citados no Novo Testamento. A exemplo de Cânticos dos Cânticos, Ester não menciona Deus. Horowitz (2006, p. 23) afirma que “nenhum livro no Antigo Testamento tem ocasionado mais antipatia para alguns leitores, e mais alegria para outros”.

Ester figura entre outros quatro livros da terceira divisão da Bíblia hebraica chamados de *Megilloth* (Cânticos, Rute, Lamentações e Eclesiastes), sendo o último, talvez porque fosse lido durante Purim, o último festival do ano judaico. Ele mesmo é chamado *Megilloth* pelos judeus por causa de sua popularidade entre eles. Huey (1988, p. 776) entende que a natureza controvertida de Ester se deve a dois fatores principais: “o que parece ser uma conduta imoral e a ausência de referência a Deus”.

No entanto, é preciso analisar os reais motivos da resistência a este livro. Ester parece denunciar estratégias de violência coletiva, em que certos indivíduos são destacados como causa de instabilidade e desagregação. Inicialmente a postura não conformista da rainha Vasti é tomada pelos persas como ameaça à ordem social. Este incidente prepara o leitor para a exposição de uma situação mais abrangente em que a atitude inconformista de uma etnia inteira será vista por uma pessoa e depois pela coletividade como uma nova ameaça, que precisa ser eliminada, como um bode expiatório.

A leitura de Ester requer uma perspectiva sócio-antropológica provida apropriadamente pela teoria do bode expiatório de René Girard. Uma breve revisão de seu conceito principal abre o caminho para uma produtiva leitura das questões literárias e sociais da narrativa.

O bode expiatório

Tendo como pano de fundo as narrativas míticas, Girard desenvolveu o conceito do bode expiatório na teoria literária. Segundo ele, no processo de fundação e diferenciação das culturas, atos de violência coletiva são comuns contra personagens consideradas impopulares. Apesar de sua perspectiva não religiosa, ele trabalha com a violência religiosa, ou com processos de vitimização com “motivação religiosa” (BABUTS, 2014, e-book).

Girard inicia seu projeto teórico analisando o mito de Édipo, segundo o qual uma situação de crise se instala em Tebas, e a eliminação de um culpado

se apresenta como a saída para o estado de caos. A vítima a ser sacrificada é alguém não ajustado à comunidade. No caso de Édipo, Girard (2004, p. 34) descreve o que chama de marcas vitimárias: “Em primeiro lugar temos a enfermidade: Édipo é coxo. Por outro lado, este herói chegou a Tebas desconhecido de todos, estrangeiro de fato ou também de direito”. Assim, migrantes, não cidadãos, estrangeiros se tornam potenciais bodes expiatórios em situações de crise.

A ideia-chave, segundo Girard, na definição de uma situação de crise, que precede a perseguição e a vitimização, é um estado social em que os diferentes estão em contato indiferenciado. Assim, os choques culturais e oposições religiosas identificam situações de crise (GIRARD, 2004, p. 43). Entende que “os indistintos não param de lutar entre si para se distinguir uns dos outros”. Através dessa busca por diferenciação as culturas nascem e tentam manter suas estruturas sociais, como resultado do fortalecimento dos vínculos e laços de pertença coletiva entre seus membros em decorrência da perseguição e eliminação coletiva do “bode expiatório”.

Um fenômeno comum nessas situações de conflito é a caracterização do elemento potencialmente desagregador em termos de uma monstruosidade. O bode expiatório em potencial é alguém a quem se possam atribuir características de selvageria, barbárie e não-humanização. Elementos da condição de natureza são integrados a elementos da condição de cultura ou humanidade para formar as figuras monstruosas. Nesse sentido, o bode expiatório não será nem homem nem besta, mas um ser intermediário, e sua desumanidade oculta na pele de humanidade é o que o torna especialmente perigoso. Nessa perspectiva, a fala de Hamã no livro de Ester: “Existe espalhado, disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino, um povo cujas leis são diferentes” (Ester 3:8),¹ e a de Lutero de que o judaísmo tem “muita impropriedade pagã” são claramente tentativas de diferenciação e vitimização do outro diferente.

No livro de Levítico, de onde Girard toma a figura do “bode expiatório”, o bode é um animal de sacrifício. Ele é uma vítima eleita pelo lançar sortes a fim de portar a culpa coletiva. A morte do bode é vista como condição para a expiação, para que os pecados de Israel sejam levados da comunidade, visualizando-se uma condição de restauração coletiva da ordem social. No processo do bode expiatório, “o transgressor se transforma em restaurador e até em fundador da ordem que ele de algum modo havia antecipadamente transgredido” (GIRARD, 2004, p. 59). Curiosamente, os bodes expiatórios

¹ Neste artigo os textos bíblicos são citados da Bíblia Almeida Revista e Atualizada (BÍBLIA SAGRADA, 1993).

não curam as “verdadeiras epidemias, nem as secas, nem as inundações”. No entanto, Girard diz que a questão principal é o modo pelo qual a crise atinge as “relações humanas”, e essas relações é que são virtualmente curadas mediante a morte do bode expiatório (GIRARD, 2004, p. 60-61).

No estudo de Ester as relações sociais e étnicas estão mesmo no centro da narrativa. Tanto no drama de vitimização da rainha Vasti quanto de Mordecai e dos judeus fica claro que a estabilidade da ordem social é o objetivo pretendido.

Contexto histórico

Sendo um texto anônimo, o livro de Ester tem sido rendido a diferentes autores. O rabino Ibn Esdras e Clemente de Alexandria o atribuíram a Mordecai. Para Agostinho, o livro teria sido escrito por Esdras ou um judeu da Grande Sinagoga.

O período da composição também é incerto, mas Ester 10:1-3 sugere que seja posterior ao reinado de Xerxes e mesmo dos reis persas: “Não estão escritos no Livro da História dos Reis da Média e da Pérsia?”. Huey (1988, p. 778) afirma que, mesmo assim a data permanece obscura, pois o término do poder desses reis é colocado remotamente em 450-300 AEC, e tardiamente em 175-100 AEC. Se o livro foi escrito nos séculos 5º ou 4º AEC, poderia ser obra de um judeu persa por causa de seu conhecimento da vida e dos costumes persas (Ester 3:13, 15; 8:10, 14). Mas, se foi escrito no 2º século AEC, o autor seria um judeu palestino. O teor nacionalista que permeia a narrativa deixa quase certo de que era um judeu.

Moore (1971, p. lviii) argumenta que o hebraico de Ester é mais parecido com o do livro das Crônicas, que é considerado ser do 4º século AEC. Outro argumento para a data mais remota é a intimidade do autor com costumes persas e a topografia de Susã e dos palácios reais. “Tal familiaridade com a vida persa aponta para uma data no período persa e talvez não muito longe do reinado de Xerxes, pois esse tipo de conhecimento não teria sobrevivido até o período dos macabeus” (HUEY, 1988, p. 778).

Os que defendem uma data mais tardia para Ester, seguindo Spinoza, argumentam que os eventos narrados seriam anacrônicos até o período das perseguições de Antíoco IV Epifânio (175-164 AEC). Nesse contexto, a inimizade entre gentios e judeus era evidente, e havia o fato da superação judaica por meio das revoltas lideradas por Judas Macabeus (PATON, 1908, p. 61). Nessa linha de pensamento, Hamã seria um personagem representativo de Antíoco IV (PFEIFFER, 1948, p. 741-742). No entanto, essa visão enfrenta fortes opositores. Eissfeldt (1965, p. 510) considera “indefensável” a relação

entre Hamã e Antíoco, bem como a narrativa de Ester e Mordecai como uma construção literária dos eventos envolvendo Judas Macabeus. Harrison (1969, p. 1089) afirma que o argumento de que uma inimizade entre gentios e judeus não era ainda evidente no século 4º século AEC não se confirma. Segundo ele, o ódio dos judeus frente a seus inimigos gentios, bem antes do período de Antíoco, ficou evidente nos Papiros Elefantinos. Ele confirma que o antissemitismo já corrente resultou na destruição do templo judaico em Yeb, pelos inimigos egípcios em 410 AEC. Harrison (1969, p. 1089) acrescenta ainda que os judeus não estavam lutando por sua religião, como no período macabeu, mas por seu direito de existir.

Huey (1988, p. 778) defende uma posição intermediária de que Ester tenha alcançado sua forma final no 2º século AEC, embora tenha se originado como narrativa no 4º século. Há questionamentos acerca de possíveis fontes para a narrativa. Alguns entendem que Ester 9:20-10:3 veio de uma fonte separada. A ideia de que fontes escritas e da tradição tenham sido usadas parece evidente, pois em Ester 9:20 se mencionam “escritos” de Mordecai. Outros tantos escritos são mencionados, entre eles cartas, leis e livros (Ester 1:22; 2:23; 3:12; 8:8; 9:20; 9:32).

Quanto ao gênero literário, Ester tem sido considerado como “romance histórico”, “lenda etiológica” e “novela histórica” (MOORE, 1971, p. lii). Em alguns aspectos, ele espelha a narrativa de José, que também relata a ascensão ao poder político por parte de um hebreu. O personagem principal é retratado com um mínimo de palavras. Huey (1988, p. 781) afirma que a clara delineação pode ser comparada com personagens de Shakespeare: Hamã, um vilão consumado; Ester, a bela e corajosa heroína; Mordecai, o astuto conselheiro; e Xerxes, o sensual e indiferente rei. Várias técnicas literárias são evidentes: contraste, ironia e humor.

Paton (1908, p. 56) não enxerga em Ester outro propósito senão o da “instituição da festa de Purim”. Explicar a origem histórica de Purim é justificável, em vista de ser uma celebração não mencionada na Torah. Pfeiffer (1948, p. 744) propõe que o objetivo principal do livro deve ser buscado em questões políticas envolvendo os judeus e seus inimigos. Nesse caso, Ester recordaria uma libertação marcante do povo judeu em um momento crítico de sua história e manteria viva a memória dessa libertação por meio da celebração anual de Purim.

Os eruditos se dividem não só quanto à data da composição, mas também acerca da historicidade ou não dos eventos narrados em Ester. Alguns entendem que há eventos históricos ou pelos menos uma base histórica, sendo nesse caso uma novela histórica, em que história e ficção são combinadas

(MOORE, 1971). Há aqueles que consideram toda a narrativa como ficção (PATON, 1908).

Ester é o único livro em que toda a narrativa toma lugar na Pérsia. Os eventos narrados são contextualizados em Susã, durante o reinado de Assuero, conhecido na história como Xerxes, que reinou na Pérsia de 486-465 AEC. O texto relata um banquete ocorrido no “terceiro ano” de Xerxes. Uma vez que seu reinado começou em 486, esse terceiro ano teria sido 484. Segundo Heródoto, 484 foi o ano em que “Xerxes terminou de suprimir a rebelião no Egito que havia começado antes da morte de seu pai, Dario I” (MILLER, 2015, e-book).

Há questões gramaticais a serem consideradas também. O autor escreveu “Rei Xerxes”, mas “Ester a rainha”, talvez para enfatizar que Xerxes era rei, mas Ester apenas “uma de suas esposas” (HUEY, 1988, 790). Schultz (1877, p. 5) cogita que Vasti fosse uma esposa subordinada ou uma concubina. Considerando-se os costumes dos reis antigos e seus famosos haréns, essa não é uma possibilidade remota. Por outro, a brevidade da narrativa não permite que todos os persas e judeus tenham sido citados nominalmente no texto.

Jobes (1999, p. 96) pontua que, embora os nomes de Vasti e Ester não sejam mencionados fora do livro de Ester, como rainhas persas, há evidência extrabíblica para a existência de Mordecai. “Um tablete descoberto em 1904, em Persépolis, outra cidade real persa, apresenta o nome de *Marduka* como um oficial persa durante os primeiros anos do reinado de Xerxes, os quais correspondem ao tempo contextualizado da narrativa de Ester (JOBES, 1999, p. 96). O nome *Marduka* significa “homem” ou “adorador” de Marduk, o deus babilônico.

Outra questão debatida entre os intérpretes de Ester tem que ver com a extensão do domínio persa no tempo de Xerxes. O texto de Ester fala de “cento e vinte e sete províncias” (1:1), contra as “vinte satrapias” de Heródoto. A palavra hebraica em questão é *mediyah* (“províncias”), e Heródoto fala em “satrapias”. “Uma vez que havia uma palavra aramaico-hebraica apropriada para ‘satrapias’ mas que não foi usada aqui, não há conflito a menos que se possa mostrar que essas vinte satrapias não eram divididas em cento e vinte e sete províncias” (SHEA, 1976, p. 244). Novamente as questões linguísticas desafiam definições finais para as informações prestadas no livro de Ester.

Parece, portanto, razoável ver a narrativa de Ester como emergindo de fatos reais, os quais são trabalhados a partir de um gênero novelístico. Nesse sentido ela se encaixa com a teoria de Girard, que vê os textos de vitimização como fruto de fatos reais. Porém, mais do que registrar os fatos como na historiografia moderna, o autor ou editor está interessado em narrar

os eventos com o propósito de manter a memória coletiva dos mesmos e ensinar as gerações futuras.

Se há dificuldades reais para se chegar a conclusões definitivas acerca da historicidade dos personagens, a narrativa por sua vez é bastante clara em termos de seus objetivos literários e sociais.

O drama de Ester e Mordecai

O livro de Ester narra em forma de uma novela real o drama dos judeus na Pérsia, “no terceiro ano” de Xerxes (Ester 1:3), situação que se converteu em grande exultação celebrada na festa de Purim. A narrativa começa descrevendo um estado de abundância na Pérsia. Na cidadela de Susã, Xerxes oferece um banquete aos seus príncipes e oficiais e mostra “as riquezas da glória do seu reino” (1:4). Ele oferece um segundo banquete a “todo o povo” (1:5), em que há “muito vinho real, graças à generosidade do rei” (1:7). A rainha Vasti também dá um banquete às “mulheres” (1:9).

Essa situação de alegria e exultação em que os personagens e o ambiente são apresentados está, porém, para dar lugar à ansiedade e tragédia. Depois de muito beber no banquete, Xerxes deseja exibir a “formosura” da rainha aos “povos e aos príncipes” (1:11), o que ela recusa radicalmente. O rei toma conselho com os “sábios que entendiam dos tempos”, daqueles que “sabiam a lei e o direito” (1:13). Predomina o conselho de Memucã: “A rainha Vasti não somente ofendeu ao rei, mas a todos os príncipes e a todos os povos”. Então, Memucã dramatiza e universaliza o incidente: “A notícia do que a rainha fez chegará a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seu marido”, e “haverá daí muito desprezo e indignação” (1:16-18). O conselheiro sugere então a promulgação de um “edito real”, determinando a deposição de Vasti da condição de rainha, como um tipo de bode expiatório para a potencial situação de caos criada e generalizada por ele mesmo.

Deposta a rainha Vasti, um concurso de virgens permite que Ester, prima de Mordecai (2:7), seja eleita pelo rei como a nova rainha. A moça é formosa e cheia de encantos, por isso alcança “favor de todos” que a veem (2:15). Ester omite sua origem judaica sob conselho de Mordecai, que é dito ser benjamita, descendente de cativos judeus levados para Babilônia mais de 100 anos antes (2:5). No enredo, a informação de que Mordecai é benjamita não é casual, nem de que Hamã é “filho de Hamedata, agagita” (3:1; 3:10; 8:3, 5; 9:24). Saul, que era benjamita, teria matado os amalequitas, de onde descenderia Hamã (1Sm 15:1-8), informação considerada simbólica por Schultz (1877, p. 5).

Hamã é exaltado pelo rei e passa a receber honra de todos os servos do palácio, exceto de Mordecai (3:2), o que leva o oficial a se encher de “furor”

(3:5). Esta é a mesma reação do rei à recusa de Vasti de ser exibida perante os nobres: “o rei muito se enfureceu e inflamou de ira” (1:12). Essa correlação indica que a sorte de Mordecai será a mesma de Vasti. “A convergência sugere a solidariedade entre a *outra* mulher e *outro* judeu” (BEAL, 1997, p. xi).

Sendo um favorito do rei, Hamã aproveita a primeira oportunidade para se vingar de seu inimigo e de toda a sua raça. Diz ele ao rei: “Existe espalhado, disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino, um povo cujas leis são diferentes das leis de todos os povos e que não cumpre as do rei; pelo que não convém ao rei tolerá-lo” (3:8). A palavra hebraica para “lei” é *dath* (“lei”, “regra”, “costume”), usada 19 vezes em Ester, o que coloca as questões sociais e culturais como o centro da narrativa.

A proposta de Hamã se coloca em paralelo com a de Memucã. Ambos transformam um caso particular em um caos universalizado, e alardeiam uma situação de crise caso não seja tomada uma medida imediata para restaurar a ordem, eliminando o elemento causador do estado de indiferenciação. O decreto feito por Hamã é extensivo a todos os judeus e prevê grande crueldade: “para que se *destruíssem, matassem e aniquilassem* de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres, em um só dia, no dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar” (3:13).

Prevista a tragédia de grandes proporções, Mordecai manda que Ester interceda junto ao rei. Ela consegue audiência com o monarca e convida também Hamã. O oficial não sabia, mas Mordecai havia descoberto um atentado contra o rei (2:21-23), razão porque o rei determina que Hamã honre o judeu (6:10). O fato é visto por Zeres, esposa do oficial, como um mal presságio de que Hamã “cairá diante” de Mordecai (6:13).

Ester consegue o favor do rei, que determina a morte de Hamã sob a alegação que intentara matar o homem que havia salvado a vida do rei (7:9). Ester e Mordecai não conseguem invalidar o decreto contra os judeus, mas fazem outro edito para os judeus se defenderem, “*destruir, matar e aniquilar* de vez toda e qualquer força” que se erguer contra eles por causa do decreto de Hamã (8:11). A vitória dos judeus impressiona os povos, e muitos deles “se fizeram judeus” (8:17). Ester expede um mandado estabelecendo a festa de Purim (9:32), em comemoração à libertação alcançada pelos judeus. Mordecai é honrado no reino de Xerxes e perante seus irmãos (10:1-3).

Os verbos “destruir, matar e aniquilar” (3:13; 8:11), usados tanto para os intentos de Hamã quanto de Mordecai, indicam que um conflito mortal envolve os dois personagens e suas casas. O autor, se judeu ou não, não nega que há violência e vontade de extermínio de ambos os lados. Mordecai e os judeus são vistos como bodes expiatórios, assim como fora a rainha Vasti,

para o controle da situação de indiferenciação. No entanto, Hamã e sua casa também se tornam bodes expiatórios na estratégia dos judeus.

A narrativa é construída, portanto, a partir desta ambivalência do espírito de violência e vingança. E parece ser de fato esse espírito desagregador que o texto quer destacar como seu centro semântico.

O desafio do *outro*

Apesar da popularidade de Ester na tradição judaica e de o grande erudito medieval judeu Maimônides o classificar logo após o Pentateuco em ordem de importância, Miller (2015, e-book) ressalta que, na tradição cristã, Ester tem um status no máximo “marginal”. Lutero rejeitou o livro, desejando de fato excluí-lo do cânon. A avaliação do reformador está na base da rejeição ao livro na tradição protestante e, para muitos, ela jaz no fundamento do próprio antissemitismo. Essa questão pode mostrar que a reação de Lutero, que deveria desviar o espírito da violência, pode ter contribuído para disseminá-lo.

Lutero realmente não gostava de Ester. Ele declarou: “Sou tão hostil a este livro (2 Macabeus) e a Ester que gostaria que não existissem de fato, porque eles judaizam em demasia e têm muita impropriedade pagã” (citado por SHULTZ, p. 12). Paton (1908, p. 96) considera que Lutero não foi severo em demasia quando falou de Ester como um “livro pagão”. Ele justifica: “Não há um personagem nobre neste livro”. Para ele, o livro de Ester evidencia a agressividade dos judeus em vez de destacar sua resistência ante a perseguição. Nisso ele parece ter razão, considerando o destino final de Hamã.

Miller (2015, e-book) considera que a avaliação de Paton não somente mostra “quão influente Lutero continua sendo séculos após sua morte”, mas também provê um dos exemplos de como “a erudição tem interpretado as ações dos judeus da Pérsia como sanguinárias e vingativas”. Ele afirma que, seguindo Lutero, eruditos protestantes alemães dos séculos 18 e 19 acusam Ester de “insaciável vingança”, e o livro de exibir um “espírito sanguinário de perseguição e agressão”.

O problema dessa análise é sua natureza binária e partidária. Para condenar a violência judaica minimiza-se a de Hamã, ficando os judeus como os perpetuadores da mesma. Sendo que, na construção do texto, o narrador parece indicar que ambos os grupos são condenáveis nesse aspecto.

Beal (1997, p. 6) também entende que a questão do antissemitismo cristão protestante se estende pelo menos até o “famoso repúdio de Martinho Lutero (1483-1546) a Ester, junto a 2 Macabeus”. Ele analisa que a “concisa expressão de profunda repugnância a Ester e Macabeus” (as bases para as festas judaicas

de Purim e Hanukakh, respectivamente) faz um link explícito entre “judaizar”, por um lado, e “impropriedade pagã” ou “perversidade”, por outro. Para Lutero, a identidade judaica estaria ligada à imoralidade religiosa, ou paganismo. Beal (1997, p. 6) propõe que o “link epistemológico” que Lutero fez com sua declaração, aproximando etnicidade e moralidade, “se tornaria um tema muito familiar no discurso colonial europeu ocidental”, a partir da última metade do século 16, com o surgimento do colonialismo. Com isso, ganhou ímpeto uma “crescente obsessão com os ‘selvagens’ do novo mundo”.

Em sua fala antisemita, Lutero termina se identificando com os persas Memucã e Hamã, que desejavam aniquilar os elementos inconformados. Por outro lado, Beal (1997, p. 8) argumenta que Paton, com sua avaliação de que “não há nenhuma personagem nobre neste livro”, na linha de Lutero, projeta um “sistema binário” a partir do link de Lutero entre judaicidade, irreligião e imoralidade”. Nisso sistema de oposição binário, “judaizar torna-se um termo oposto a moralidade, religião e nobreza”, por um lado; e “associado a sensualidade, ganância, violência, vingança”, por outro (BEAL, 1997, p. 8). Da mesma forma, a avaliação de Memucã fundava-se num binarismo que destaca a inconformada Vasti como o elemento desagregador, ou pagão, oposto à ética persa.

Miller (2015, e-book) afirma que, pelo fim do século 19, “críticas antisemiticas a Ester também se tornaram proeminentes na erudição britânica e então na academia americana no início do século 20”. Esses eruditos justificam suas críticas ao livro com base no “espírito de vingança”. Segundo ele, mesmo depois do Holocausto, “muitos teólogos e eruditos cristãos continuaram a rejeitar o livro de Ester” fundados no mesmo sistema de oposição binário que associa judaísmo a paganismo e violência (MILLER, 2015, e-book).

No entanto, para além das questões de judaísmo e antisemitismo, ampliando a perspectiva sócio-antropológica, a narrativa de Ester pode contribuir para a discussão da relação com toda alteridade. Day (2005, p. 61) entende que os personagens de Ester refletem as dificuldades e escolhas enfrentadas por pessoas que vivem entre dois mundos. “De um lado é o mundo do gênero.” Meumã e os demais eunucos (Ester 1:10) vivem entre mundos femininos e masculinos. Eles não são totalmente homens, e, embora vivam em um ambiente das mulheres do palácio, tampouco eles são mulheres. Por sua vez, Mordecai não tem esposa nem filhos, típicos do homem de bem do antigo Oriente Médio. Assim, ele representa uma identidade social e sexual incompleta. Vasti é uma mulher recatada e modesta vivendo no palácio de um rei luxurioso e de conselheiros vingativos. Os inconformados *outros* se multiplicam na narrativa.

Por outro lado, há o mundo da cultura. Ester e Mordecai representam “indivíduos multiétnicos”, vítimas do choque de culturas. Eles foram levados para longe de sua terra. Diante desse choque, Ester precisa omitir uma de suas identidades e viver com a outra, que não é exatamente sua. Embora o livro de Ester tenha sido escrito antes da emergência do antissemitismo como o conhecemos hoje, o “conselho de Mordecai ao silêncio soa verdadeiro após o mundo ter experimentado séculos de atrocidades” (DAY, 2005, p. 61). No contexto de nossa atual sociedade multiétnica e globalizada, a narrativa de Ester nos leva a indagar: Deve a pessoa ser forçada a escolher uma identidade em detrimento de outra e nela viver, como estratégia de sobrevivência?

Beal (1997, ix) enfatiza que Ester trata com a questão do “outro”, seja a mulher ou o judeu, contra o “nós”. Segundo ele, é “a *agregação* das muitas identidades” que conduz à “profunda *desagregação* dos outros sujeitos e da ordem das relações entre ‘nós’ e ‘eles’”. Day (2005, p. 75) analisa que a solução de Hamã para o “problema judaico” (Ester 3:8) soa “assustadoramente familiar” nos tempos atuais em que a agregação global acusa inúmeros *outros* frequentemente vistos como a causa da indiferenciação. Ele afirma que o livro de Ester é surpreendentemente “profético” acerca do antissemitismo e de todo e qualquer preconceito religioso. Day (2005, p. 75) prossegue:

O edito de Hamã é um caso de genocídio em grande escala e, como tal, pode refletir mais amplamente qualquer situação na qual as pessoas são catalogadas por ofensa por causa de sua identidade étnica ou qualquer outra circunstância de “limpeza étnica”. Hostilidade racial, no sentido mais fundamental, ocorre quando as diferenças entre os povos são enfatizadas acima das semelhanças.

A sociedade persa, retratada em Ester, não é diferente das demais sociedades quando se trata da relação e assimilação do *outro*, do diferente. Beal (1997, p. x) entende que o ponto central em Ester são essas ambiguidades inerentes em gênero e identidades étnicas, especialmente na representação do *outro*. O capítulo 3 de Ester sinaliza “a convergência da *outra* mulher Vasti e do *outro* judeu Mordecai” (BEAL, 1997, p. x).

Beal (1997, p. 5) critica o que ele chama de “tradição interpretativa cristã” na qual a Bíblia judaica, especialmente Ester, tem sido tratada como um tipo de “colônia cristã, um continente escuro dentro do qual imagens do judeu são projetadas como a quintessência do não nós”. Essa tradição interpretativa, que ele considera como análoga ao discurso colonial, tem sido um poderoso “aparato de modelagem de identidade no cristianismo moderno protestante”, desde Lutero, e tem simultaneamente servido para formar uma imagem do outro religioso, social ou étnico como a “alteridade selvagem”.

A leitura de Ester não deveria ser feita sem o pano de fundo das atrocidades dos séculos recentes. “Ler o antigo texto de Ester hoje é, paradoxalmente, ser assombrado pelo mais recente passado que o autor de Ester nunca poderia ter imaginado, e no qual a herança cristã protestante está profundamente implicada” (BEAL, 1997, p. 4).

Considerações finais

Apesar de certas leituras de Ester enfatizarem o outro feminino ou o judeu, o “bode expiatório” identificado nesta narrativa aponta para qualquer alteridade, não conformada à maioria da sociedade, seja mulher, judeu, negro, muçulmano, protestante, pentecostal, liberal ou fundamentalista. Instabilidade social e situações de indiferenciação são características permanentes das sociedades humanas. O que leva a coletividade a buscar o chamado bode expiatório é um sentimento de ódio em relação ao diferente, ao não conformado, como se ele fosse indigno da convivência social por não ser igual. É esse espírito que a narrativa de Ester acusa tanto da parte dos persas quanto dos judeus.

Essa perspectiva da leitura de Ester se torna bastante produtiva, especialmente quando se leva em consideração a teoria do “bode expiatório” de Girard. A questão que Ester coloca é: Não continuam as sociedades humanas sujeitas às mesmas estratégias antigas e arcaicas do bode expiatório?

Em quaisquer circunstâncias em que um partido é assumido e o outro é demonizado, acusado de causador da situação de caos, o espírito da violência será instalado, e a busca do bode expiatório será o caminho natural.

Na relação de gênero, quando uma sociedade se volta contra o machismo, supondo ser o feminismo a solução para a crise, um sistema de oposição binário fundador da violência estará instalado. Machismo e feminismo são os polos sustentadores desse sistema binário. Nas relações religiosas, quando os tradicionais se levantam contra os renovados, quando os liberais estão contra os fundamentalistas, o mesmo sistema binário é estabelecido, e as tensões só parecem poder ser superadas mediante a eliminação do outro, ou da minoria inconformada.

Eventos recentes indicam que a estratégia do bode expiatório permanece operante na sociedade em diversos setores. Os ex-presidentes Fernando Collor e Dilma Rousseff estavam longe de serem os únicos políticos envolvidos em corrupção. No entanto, situações de crise e indiferenciação social moveram a classe política e, então, a nação, à busca de um elemento que, excluído, pudesse abrir o caminho para se restaurar a ordem. Todos sabiam que a restauração era das relações sociais e não ordem política e social em si mesma.

A narrativa de Ester tem muito a contribuir com as sociedades humanas

atuais globalizadas, nas quais os choques de culturas e religiões são cada vez mais fortes. Lido sob o pano de fundo das grandes tragédias dos últimos tempos como Cruzadas, Colonialismo e Holocausto, mas também de tensões como machismo/feminismo, liberais/fundamentalistas, situação/oposição, o livro de Ester assume os contornos de uma autêntica profecia, cujo cumprimento poderia e pode ser evitado.

Referências bibliográficas

- BABUTS, Nicolae (Ed.). *Mircea Eliade: Myth, religion, and history*. New Brunswick, NJ: Transaction, 2014.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. Barueri: SBB, 1993.
- BEAL, Timothy K. *The Book of Hiding: Gender, ethnicity, annihilation, and Esther*. New York: Routledge, 1997.
- DAY, Linda M. *Esther*. Abingdon Old Testament Commentaries. Nashville, TN: Abingdon Press, 2005.
- EISSFELDT, Otto. *The Old Testament: an introduction*. New York: Harper and Row, 1965.
- GIRARD, René. *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.
- HARRISON, R.K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969.
- HOROWITZ, Eliot. *Reckless Rites: Purim and the legacy of Jewish violence*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.
- HUEY, F. B. Esther. In: GAEBELEIN, Frank E. (Ed.). *The Expositor's Bible Commentary*. Vol. 4. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988, p. 775-839.
- JOBES, Karen H. Esther. In: *The New NIV application commentary*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999.
- MILLER, Tricia. *Jews and anti-judaism in Ester and the Church*. Cambridge, UK: James Clark & Co, 2015.
- MOORE, Carey A. *Esther: translated with an introduction and notes*. The Anchor Bible. Vol. 7B. Garden City, NY: Doubleday, 1971.
- PATON, Lewis Bayles. *A critical and exegetical commentary on the Book of Esther*. The International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908.
- PFEIFFER, Robert H. *Introduction to the Old Testament*. New York: Harper and Row, 1948.
- SCHULTZ, F. W. The Book of Esther. In: LANGE, John Peter (Ed.). *Commentary on the Holy Scriptures*. Vol. 7. New York: Charles Scribner's Sons, 1877.
- SHEA, W.H. Esther and history. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Spring/MI, vol. 14, p. 227-246, 1976.

Submetido em: 7-5-2019

Aceito em: 11-6-2019